

São Paulo, cidade da “diversidade” e do “acolhimento”?
Representações das migrações contemporâneas, polifonias urbanas e
fábrica dos imaginários territoriais

Laure Guillot Farneti

Orientadoras : Marie Després-Lonnet e Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira

Estrutura da apresentação

- A pesquisa de forma geral: bibliografia, metodologia, estrutura...
- O lugar do CIEJA-Perus na minha pesquisa

Objetivo da pesquisa e constatações

Analisar as representações das migrações contemporâneas na cidade de São Paulo, e a maneira como elas se constroem e circulam, na encruzilhada de discursos de atores sociais variados, temporalidades e lugares.

- Observação 1: as migrações contemporâneas em São Paulo são percebidas e representadas através da *colonialidade* e dos estereótipos raciais, mas também dos vários mitos que fazem do Brasil e de São Paulo territórios da diversidade e do acolhimento.
- Observação 2: um certo número de atores sociais produz discursos que desafiam os mitos circulantes e tentam coconstruir outras representações das migrações contemporâneas em São Paulo por meio de vários tipos de mediação.

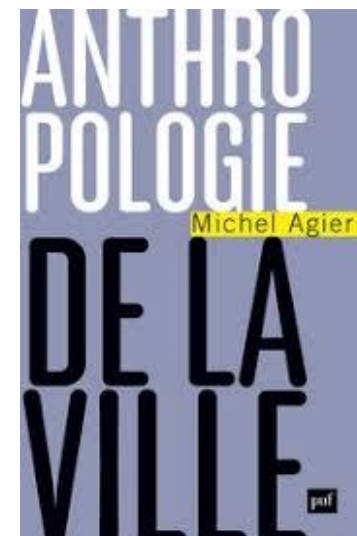
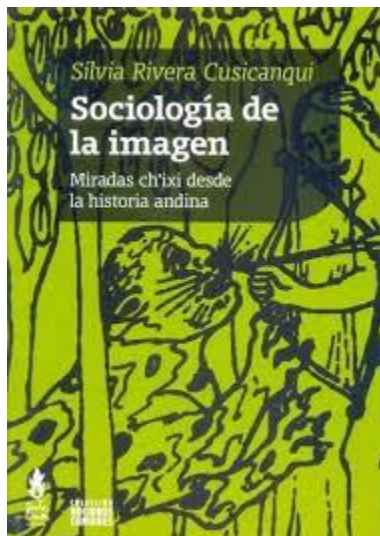
Desafios da pesquisa

- A questão do idioma
 - Que palavras devem ser usadas para falar sobre migração?
 - O que a tradução "faz"?

- A crise de saúde ligada à epidemia de Covid-19
 - Impacto na pesquisa
 - Brasil, o segundo país mais enlutado do mundo

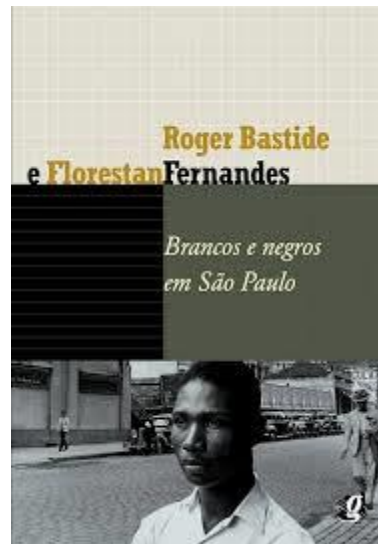
Elementos bibliográficos

- Migração, mídia, cultura e território



Elementos bibliográficos

- Interculturalidade, hibridação, decolonialidade



Metodologia

- Levar em conta a polifonia de vozes
- Considerar os discursos hegemônicos e os discursos minoritários
 - discursos hegemônicos, neste trabalho: aqueles que selecionam e mostram as imagens “que vão fazer a informação ou “fazer a história”
 - discursos menos acessíveis, os contradiscursos “de atores individuais ou coletivos excluídos da esfera pública legítima” (Riboni, Bertho, 2020, *op.cit.*, p.8).

=> Analisar um corpus de videos + pesquisa etnográfica (observação participante + entrevistas semi-diretivas).

Observação participante

- Em vários lugares: espaços públicos, coletivos, saraus,
- Em diferentes momentos: 2019, 2020, 2022

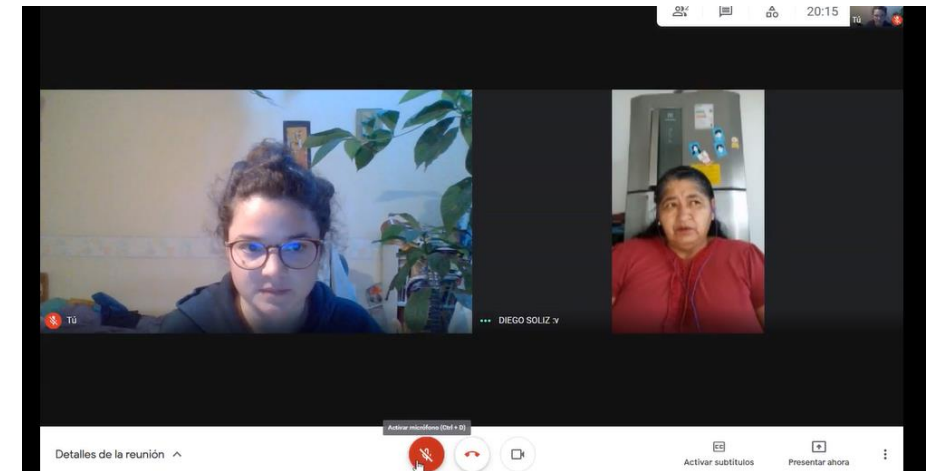


Fontiê Ki Kwaz –
Fronteiras cruzadas



Entrevistas

- 44 entrevistas semi-estruturadas (15 presencialmente e 29 online)
- Tematicas: alteridade, uso da cidade, diversidade, hospitalidade
- A maioria em língua portuguesa
- Pessoas que migraram (22)



Analise de vídeos

- Analise semio-discursiva dos vídeos



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



LYON 2
UNIVERSITÉ DE LYON



Équipe de recherche de Lyon en sciences
de l'information et de la communication

ico

Estrutura da tese

- Capítulo 3. As formações das identidades brasileira e paulistana: percurso entre diferentes mitos.
- Capítulo 4. Imaginários transatlânticos dos territórios e da alteridade.
- Capítulo 5. Descolonizar as histórias, os saberes e as mediações.
- Capítulo 6. Na encruzilhada das narrações sensíveis da cidade.
- Capítulo 7. A coconstrução de territórios de acolhimento de diálogos interculturais na cidade.

O lugar do CIEJA-Perus na pesquisa

- Contato através dos projetos de educomunicação
- Considerar e entender o território de Perus, a história de lutas
- Contexto dos cidadãos que frequentam a escola

- Presença em algumas aulas (português, alfabetização), reuniões, sala de professores
- Presença em eventos (Festa Haiti-Brasil, ato)
- Entrevista com cinco professores e a diretora
- Entrevista com três alunos

O uso da comunicação popular e outras formas de mediações

- A educomunicação
- A alimentação
- As práticas artísticas
- As roupas

=> criar outras narrativas, a partir das histórias dos protagonistas

Educomunicação

“O site é essa questão de falar pro aluno: **você pode produzir notícia, você pode produzir comunicação**. O que é importante falar, que a grande mídia não fala, né? Do seu local, dos seus pedidos, da **própria história de vida**. Porque, fizemos ano passado, não sei se você chegou a ver, se chegou a escutar o site, direitinho. Nós temos, ali, histórias de vida! São pessoas que não são alfabetizadas, e conseguiram produzir um livro. Né, tá lá, o virtual, a revista produzida, com as fotografias, contando as suas histórias. E ao contar as suas histórias, e compartilhar as suas histórias, **vão se empoderando da escrita, vão se empoderando que ele é importante no mundo e que os conhecimentos que ele tem também são importantes**. É nesse sentido que o trabalho do rádio é muito importante. Nós fazemos parte de um projeto que é bem maior chamado “Imprensa Jovem”, que é um programa da Secretaria Municipal de Educação. E aqui na Cidade de São Paulo, a educomunicação, ela é uma lei” (Rossini, 22/03/2019).

Alimentação

“Então, na segunda festa, foi bem interessante, porque tínhamos coisas da cultura haitiana, elementos da culinária, então foi servido um **prato haitiano, e um prato nordestino brasileiro**. Brasileiro-nordestino. Que é o baião de dois. Porque a gente tem muito imigrantes nordestinos”. (Cristiane Maria, 17/05/2019)

- Alimentação necessária a vida
- Objeto discursivo, narrativo e imagético, produz narrativas (De Iulio, Bardou-Boisnier, Pailliant, 2015).
- Ligação com o lugar de origem
- Forma de mediação
- Hibridação (Landi, 2021)



Práticas festivas

Criar o encontro e a aproximação.

18 de maio – festa da bandeira haitiana

“E aqui, essas relações, elas se encontram, elas se manifestam. E na festa, esse é o momento de você **conhecer**. Pelo menos conhecer né. Não precisa gostar, mas conhecer a cultura, parar para conversar, as vezes, para dançar, para ver, para **provar, para sentir, para cheirar...** é um momento propício para que, essas amarras, esses **preconceitos, essas coisas possam ser quebradas**” (Rossini, 22/03/2019).

“O primeiro objetivo foi apresentar **quem são essas pessoas negras que falam diferente que tão aqui na escola**. Então os próprios haitianos prepararam uma festa, para apresentar **sua cultura, seus costumes, sua dança, sua língua**. Então nas oficinas da sexta, a gente dançava kompa, que é o estilo musical que eles gostam de dançar. E foi assim que a gente foi estruturando a primeira festa” (Cristiane Maria, 17/05/2019)

Je voudrais remercier toute l'organisation de la fête. Parce que ça a aidé à **élever le drapeau du pays**. Alors la fête c'était très très bon. Très très bon.
(Josué, 03/06/2019)



Roupas e moda

- Moda enquanto circulação de valores e significações
- Engajamento e militância (Dos Santos, Vicentini, 2020)
- Afrofuturismo
- Afropolitanismo (Mbembe)
- As pessoas haitianas como as protagonistas da coleção



“E querendo ou não, **Haiti foi a primeira colônia que conseguiu expulsar os colonizadores dos seus territórios**. Então vendo com esse eixo, eu quis trabalhar isso também, para mostrar pros brasileiros que a gente pode. Que o é que diz a bandeira deles né: “A união faz a força”. E basicamente eu quis falar sobre isso: um sozinho faz barulho, vai fazer barulho, dois também, três ainda mais, quatro... e assim por diante”. (Willian, 03/06/19).

“Desfilei com meus patriotas. Tínhamos os novos modelos. As camisetas do Will. Que sai na loja dele, acho que tem duas semanas atrás. E nos foram apresentar Haiti. Tava celebrando a festa da bandeira do Haiti. E nós fomos memorizar para esse momento no Brasil. Porque é difícil quando chegar do Haiti, celebrar no Brasil de novo. Mas Will nos da oportunidade para nos memorizar” (Elvis, 04/06/2019).



O CIEJA Perus como território de acolhimento

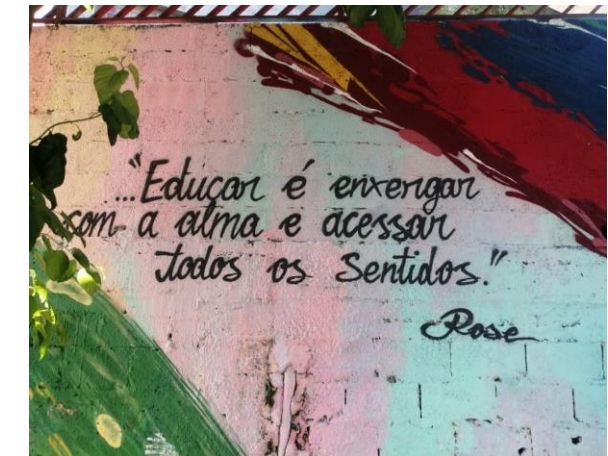
Para os protagonistas da pesquisa, “[...] a educação passa a ser entendida como uma relação entre os sujeitos, vistos não apenas como indivíduos, mas como constituídos e constituintes de seus respectivos contextos socioculturais” (Fleuri, 2009).

“Então a prioridade aqui no CIEJA, é o **convívio social**. É você tentar, através da educação melhorar o convívio social dos alunos. [...] Então aqui, uma das premissas dos professores é tratar bem quem estiver aqui. [...] **Sem discriminação, sem preconceito**”. (Juliana, 29/05/2019)

“Então, a gente entende que essa demanda vem para o CIEJA, até de documentação, né, de **outras coisas que não são escolares**, porque eles entendem, que tem um representante do Estado aqui”. (Franciele, 18/01/2021)

Espaços inclusivos

- Construir espaços inclusivos
- Desconstruir fronteiras



Fotografias tiradas na escola CIEJA-Perus. 23 de março de 2022. © Laure Guillot Farneti.

Trabalhar com o território

« A gente entende que **o território é que gera o currículo**, sabe? Para nós é o território que mobiliza o que a gente vai ensinar. Não o contrário, né. A gente, olha para essa **história daquela cidade, daquele bairro**, né, para a história da cidade como um todo, da nossa região, como um todo. E a gente entende que isso vai gerar o currículo. Até porque essas pessoas vivem nesse chão, né. Vivem nesse lugar, né. Então elas precisam a entender os processos pelos quais elas passam » (Franciele).

“Mas a ideia é que a gente **conheça o bairro**, e faça o uso de toda a estrutura que o bairro pode fornecer. Mesmo porque Perus é distante. Né, então, assim. Tem uma biblioteca aqui do lado. Porque ninguém usa a biblioteca? Então vamos usar! A história do bairro, tem uma **história de luta muito forte**, que é a história dos Queixadas, a greve de sete anos, e tudo mais a firmeza permanente. Tem uma galera muito revolucionária aqui no bairro. Então a ideia é que eles **conheçam o bairro, se apropriem disso, e usam isso o máximo possível!**” (Cintia)

“E depois, sempre também tinha atividade. Para a gente realizar, atividade coletiva. Foi muito interessante. As atividades. Como a gente... quando a gente estava na CIEJA, **a gente foi lá no centro da fabricação do cimento, em Perus**. Depois a gente foi lá na Paulista”. (Juvens)

A língua como forma de acolher

- A hibridação nas línguas
- Tentativa de entender o outro
- Dar espaço a outras línguas
- Língua como identidade e história

“Eu tô trabalhando uma música. **Porque a música, você... Eu acho que a melhor forma de você alfabetizar alguém** que já tem um repertório, né, então uma música que... eles têm no repertório” (Juliana)

“Porque você vai fazer o **vocabulário em português e em crioulo**. “Não, não é assim que põem. Não é assim. Não. Não é em francês, ela não pediu francês! Ela pediu em crioulo.” Ai um acha que tem que falar francês, porque francês é mais bonito. Ai o outro fala assim: “Não, professora não pediu isso. Não pediu! Pediu em crioulo. Né professora?”. Então ta bom. O primeiro fez em francês, em crioulo, em português, em inglês, sei lá. Qual mais vocês querem que coloco?” Aí conta a história da independência. (Cintia)

“Eu acho que isso tudo vem aproximar e incluir um pouco mais os Haitianos aqui no nosso CIEJA. Que é um espaço de inclusão, um espaço de aprendizado. E eles aprendem a cada dia, nos também aprendemos a cada dia, porque **a gente tenta se comunicar**. Esbara na língua, a gente fala devagar, pausadamente. A gente tenta de alguma forma, falar com eles para que eles entendem (Claudio).



Conclusão

- Contexto da tese : governo de extrema-direita
- Representações das pessoas que migraram : espelho sobre a história e o presente do país de chegada
- O Cieja-Perus como lugar de acolhimento

Obrigada pela atenção 😊



Principais resultados

Diversidade e acolhimento como fórmulas discursivas: entre a circulação de mitos e a reapropriação de temas para criar contra-discursos sobre os migrantes

Capturas de tela – Galeria de retratos



Principais resultados

Diversidade e acolhimento como fórmulas discursivas: entre a circulação de mitos e a reapropriação de temas para criar contra-discursos sobre os migrantes

Formas de representar territórios e pessoas:

Discursos hegemônicos: centralidade, verticalidade e fixidez

Discursos não hegemônicos: heterogeneidade, horizontalidade e sensibilidade

Representações das pessoas migrantes na cidade



Principais resultados

Diversidade e acolhimento como fórmulas discursivas: entre a circulação de mitos e a reapropriação de temas para criar contra-discursos sobre os migrantes

Formas de representar territórios e pessoas:

Discursos hegemônicos: centralidade, verticalidade e fixidez

Discursos não hegemônicos: heterogeneidade, horizontalidade e sensibilidade

Superação de fronteiras físicas e simbólicas por meio da co-construção de territórios anfitriões simbólicos e reais entre participantes hegemônicos e não hegemônicos